

## HISTÓRIA QUE NASCE DO SILÊNCIO DE UMA GUERRA: MEMÓRIAS DE UM VELHO DO QUILOMBO

HISTORIA NACIDA DEL SILENCIO DE UNA GUERRA: MEMORIAS DE UN ANCIANO QUILOMBÉ

HISTORY THAT IS BORN OF A WAR SILENCE: MEMORIES OF A OLD QUILOMBO

### SANTOS, PEDRO FERNANDO DOS

Doutorando em Linguística, PPGL/UnB  
E-mail: [pedrinho\\_quilombola@hotmail.com](mailto:pedrinho_quilombola@hotmail.com)

### AGUIAR, ANA LÚCIA OLIVEIRA

Doutora em Sociologia (UFPB) Professora do PPGE - UERN  
E-mail: [anaaguiar@uern.br](mailto:anaaguiar@uern.br)

### FRANÇA, MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES DE

Mestra em Educação, Professora da Universidade Potiguar  
E-mail: [naidefernandes@gmail.com](mailto:naidefernandes@gmail.com)

#### RESUMO

No Sertão de Pernambuco-Brasil, entre serras e grotões, está a Comunidade Quilombola de Santana. É nessa comunidade que a silenciosa memória da Segunda Guerra Mundial habita a mente e as marcas de vida de Luiz Rocha<sup>1</sup>, um velho do Quilombo, convocado para o exército nesse período. Aqui, ele narra a saga de medo, dúvidas e silêncio de um tempo que não se perde em sua lembrança, e se presentifica em outras vozes. O objetivo é refletir o fato na linha do processo de construção simbólica da identidade coletiva. O trajeto da História Oral traz, como aporte teórico as ideias de Bosi (1994), Halbwachs (1950) e Pollak (1992). No texto, ele conta todos os bastidores dessa epopeia que transcende as fronteiras de sua vida e da vida das pessoas do lugar, permitindo inferir que a construção da identidade parte da perspectiva do “eu” para o “outro” dentro do *ethos* e da história.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Comunidade Quilombola; Identidade Coletiva; História Oral.

#### RESUMEN

En el Sertão de Pernambuco-Brasil, entre montañas y grutas, se encuentra la Comunidad Quilombola de Santana. Es en esta comunidad que el recuerdo silencioso de la Segunda Guerra Mundial habita la mente y las huellas de la vida de Luiz Rocha, un anciano quilombeño, reclutado en el ejército durante ese período. Aquí narra la saga de miedos, dudas y silencios de un tiempo que no se pierde en su memoria, y está presente en otras voces. El objetivo es reflejar el hecho en consonancia con el proceso de construcción simbólica de la identidad colectiva. El camino de la Historia Oral trae, como aporte teórico, las ideas de Bosi (1994), Halbwachs (1950) y Pollak (1992). En el texto relata todo el backstage de esta epopeya que trasciende las fronteras de su vida y la vida de las personas del lugar, permitiendo inferir que la construcción de la identidad parte de la perspectiva del “yo” al “otro” dentro del *ethos* y la historia.

PALABRAS CLAVES: Recuerdos; Comunidad Quilombola; Identidad Colectiva; Historia Oral

#### ABSTRACT

In the backwoods of Pernambuco-Brazil, between mountains and grottoes, is the Quilombola Community of Santana. It is in this community that the silent memory of World War II inhabits the mind and marks of life of Luiz Rocha, an old man from Quilombo, summoned to the army during this period. Here he narrates the saga of fear, doubts and silence of a time that is not lost in his memory, and presents itself in other voices. The objective is to reflect the fact in the line of the process of symbolic construction of collective identity. The path of Oral History brings, as a theoretical contribution, the ideas of Bosi (1994), Halbwachs (1950) and Pollak (1992). In the text, he tells all the backstage of this epic that transcends the boundaries of his life and the life of the people of the place, allowing to infer that the construction of identity starts from the perspective of the “I” to the “other” within *ethos* and history.

KEYWORDS: Memories; Community Quilombo; Collective Identity; Oral History.

## INTRODUÇÃO

Esse texto é o representativo de uma reflexão partindo dos motes de uma educação que acontece nas largas relações que os sujeitos mantêm uns com os outros em convívios mais abrangentes ou mais restritos, nos limites das fronteiras imagináveis de educar e se educar, dentro de outra relação corrente no tempo. A transversalidade dessa reflexão se materializa na seguinte interrogação: como uma história, expressa numa memória individual, parte para o rol de uma história coletiva e forma sujeitos pela política do *ethos* e da alteridade local?

O aporte imperativo aqui é a reflexão feita por sujeitos etnicamente identificados a partir do universo de sentidos que esses atribuem aos mais velhos de sua comunidade para a afirmação ou reafirmação de sua identidade e de uma pertença coletiva. O texto nos chama para compreender a alteridade pelo véis do local, as razões e as condições que os sujeitos dessa comunidade dispõem para, dentro das relações do ‘ser’ e do ‘viver’, constituírem-se comunitariamente.

Pragmaticamente vamos refletir, a partir da narrativa de Luiz Fernandes da Rocha, os valores episódicos trazidos à luz da alteridade e da pertença familiar e local para o alargamento da constituição da história da comunidade e identidade do seu povo. Nesse sentido, o texto se estruturará primeiro num rol de razões teóricas, partindo para a atmosfera da história da comunidade até chegar aos adjetivos e narrativas da personagem principal.

Nessa ordem lógica, um dos aspectos abordados em princípio e que compõe o pragmatismo dessa ação, é a memória dos mais velhos, que notabiliza as suas vidas e dos seus saberes, materializados em narrativas antilineares e subjetivas. Dentre as possibilidades de compreensão, lançamos mão de concepções de memória como algo inerente ao indivíduo ou a seu grupo e que permaneça numa ponte dinâmica entre os mundos do passado e do presente, com relevante diálogo entre o lembrar e o esquecer. Nesse movimento, tomamos como base Pierre Nora (1984), ao enunciar:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, apud. Barros, 2009, p.42).

De acordo com o autor, a memória tem suas flutuações, necessárias em sua própria dinâmica de existir para construir sentidos nos “outros” de um determinado grupo, que busca se localizar no centro de seus espaços e nas *dobras de seus tempos<sup>ii</sup>*, agarrados nos sentidos de educação que outras histórias lhes podem legar.

Pollak se refere a essa necessária ondulação para se dirigir à memória coletiva, afirmando que:

A memória também sofre flutuações que são funções do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (POLLAK, 1992, p.04).

É nesse mesmo véis de usar a memória como elo de autoafirmação que todos nós procuramos aliar os nossos sentimentos éticos, comunitários, étnicos, familiares, etc., a uma causa que nos ajude a construir nossos intersentidos e os sentidos do nosso mundo concreto. É uma ação inerente ao interesse individual ou de um grupo que se apega em algo que lhes dê unidade e os alavanque em uma direção coletiva (GEERTZ, 2008).

No caso da Comunidade de Santana isso se traduz na identidade, na gênese étnica e nos núcleos familiares. Assim, as narrativas de saberes dos velhos nos conduzem para a ratificação dos valores, para a fundamentação da alteridade e, principalmente, para a formação do “eu” a partir da história do “outro”. Mello (2012) afirma que “são narrativas que cruzam temporalidades, recuperando o passado e projetando-se no presente, com olhos no futuro”. (apud. MELO, 2012, p. 175-6).



Assim, essa ação ganha aspectos de fortalecimentos sociais, políticos e identitários, partindo dos sujeitos e de suas narrativas para a perpetuação, a ponto de extrapolar as referências de tempo e garantir as referências de pessoas que marcam por dentro e por fora a história local.

Como se ver,

Os significados que os símbolos, os veículos materiais do pensamento, incorporam são muitas vezes evasivos, vagos, flutuantes e distorcidos, porém eles são, em princípio, tão capazes de serem descobertos através de uma investigação empírica sistemática — principalmente se as pessoas que os percebem cooperam um pouco [...]. É por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. (GEERTZ, 1988, p.150).

Para o povo da Santana as histórias de outra pessoa não se tornam notáveis pela vontade de seu autor-protagonista, nem pelos créditos de sua sucessão. Mas, é pelo caráter relevante para a identidade que a história se transfere para a vida da comunidade e passa ao *status* social que vai ordenar a formação dos outros pela ligação endógena da própria identidade.

Assim, no trajeto proposto por esse texto, estaremos nos reportando sempre a esses aspectos da memória como algo pertinente e móvel, capaz de nos dar, nessa análise, as condições necessárias para a compreensão tanto do mundo subjetivo da história local, quanto das objetividades que vão envolver o mundo de sentido que esse povo atribui aos velhos, suas narrativas e seus saberes, como base de uma identidade coletiva.

## A COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO SANTANA: NA BRISA DE SUA MEMÓRIA

A história de composição das comunidades negras rurais pelo Brasil se deu por diversos operatórios, por diversas convergências políticas de resistência e, também, por imposição dos contextos e da dinâmica histórico-social. Nessa mesma condição se estabelece a existência da Comunidade Quilombola de Santana.

O aspecto que dá regência à história da comunidade e a sua composição foi ordenado pela memória dos velhos. Assim sendo, nos apegamos na condição desses sujeitos e em sua caracterização, tanto a que a comunidade lhe atribui historicamente, quanto às teóricas encontradas em diversos tempos históricos, como podemos notar em Halbwachs (1956), quando se refere ao sujeito “velho<sup>iii</sup>” dando-lhe um valor inestimável e preciso de sua importância entre os povos e civilizações.

Nas tribos primitivas, **os velhos** são guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo do que outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. [grifo nosso] (HALBWACHS, apud BOSI, 1994 p.63).

Caracterizados então por Halbwachs, o certo é que as narrativas dos velhos da Santana apontam para um fato que aconteceu em ‘parte’ do século XIX, em que um homem chamado Luciano, que era de uma região conhecida como Pajeú (orienta-se Rio Pajeú – Sertão do Pajeú – PE) foi trabalhar na fazenda Passagem de Pedra, município de Terra Nova (Sertão Central - PE) e lá “brigou” com uma pessoa porque mataram sua cachorra e ele foge – supõe-se que ele matou a pessoa, vindo refugiar-se no Recanto<sup>iv</sup>. Ali foi mantendo relações com outros parentes que também vieram alojar-se nessas terras. Assim, com o tempo constitui-se o que é hoje a Santana.

Formada primordialmente pelas famílias Rocha, Luciano e Mariano – Observa-se, também, que são nomes vagamente primeiros, não comportando portes de sobrenome, portanto, caracterizando a marca evidente de ex-escravos que raramente ostentavam nomes de porte identitário social e, quando o faziam, traziam marcas de seus proprietários ou vestígios de posses religiosas.



O território Quilombola de Santana atualmente é composto por cinco pequenas localidades: Santana-de-Baixo (dos Pedros), Jurema, Olaria, Recanto e Livramento. A comunidade apresenta moradias de mista fabricação (taipa, alvenaria), a produtividade das roças acontece em tempos de inverno e o meio ambiente que se mantém preservado, apesar das agressões do Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional. Por outro lado, o lugar tem um terreno geograficamente marcado por alterações de relevo e uma grande diversidade de flora e fauna. A Santana apresenta um cenário tipicamente rural, apesar de não está muito distante da sede do município somando-se apenas 22 quilômetros da cidade de Salgueiro-PE).

**Figura 1:** Vista Parcial do Território de Santana



**Fonte:** Pedro Fernando dos Santos (02/04/2014).

Os aspectos de pertencimento, lugar (territorialidade) e geografia é mantido por cada pessoa dali com extrema precisão. A imagem é um empreendimento da memória, logo o pertencer a esse lugar se torna um exercício de simbiose com o clima, o jeito de trabalhar e produzir, com o riacho local, com a geografia e principalmente com a memória, como se pode notar na imagem abaixo.

**Figura 2:** Croqui-memória do Território Quilombola de Santana



**Fonte:** Centro de Cultura Luiz Freire, 2008

A economia do território está sustentada, em grande parte, nas atividades agropecuárias. O plantio ocorre nas roças familiares (trabalho coletivo de núcleos familiares). Estas, em geral, estão localizadas em áreas de terra fértil e de proximidade com a água. Lá, planta-se, primordialmente, cebola e coentro, mas, também, plantam em determinadas épocas milho, feijão, melancia, abóbora e maracujá. Também fazem a recomposição de pastagens com sorgo forrageiro e capim de planta para a alimentação de bovinos, caprinos e ovinos.

**Figura 2:** Roças de plantações na Comunidade de Santana



**Fonte:** Pedro Fernando dos Santos (02/04/2014).

Além dos aspectos relacionados à economia local, outro fator importante na caracterização da Comunidade de Santana é o seu patrimônio cultural (bens de ordem material, imaterial e emocional), como aponta Ataídes (*et. alli*: 1997:11-12), que se apresentam, caracterizam-se, marcam-se, são apregoados ao povo e aos fazeres do povo como identidade cultural.

**Figura 3:** Santos de devoção da Comunidade Santana – São Benedito / Santa Teresinha / Jesus Crucificado.



**Fonte:** Acervo: MI/Projeto São Francisco/ GEAPA – Foto Geraldo Barboza (09/04/2009).



Em Ataídes (op.cit) encontra-se a caracterização desses bens culturais que pelo viver corrente vai sempre havendo a significação e (re)significação desses, no sentido em que outrora os bens eram a materialização de um estilo de vida, de fé, de crença, de tratamento de enfermidades e com o passar no tempo a própria comunidade o aloja no mesmo contexto mas com sentido diverso daquele que mantinha-se no passado. Esse aspecto também pode ser considerado dentro das particularidades de elementos que forjam identidades e pertencimento.

Em resumo, pode-se dizer que é uma comunidade que, a partir de motivações internas, agressões e denominações externas, passou a desencadear sua etnogênese, procurando o fortalecimento de sua identidade quilombola e o reforço de suas práticas ancestrais, buscando se organizar para garantir sua reprodução social, desenvolver seu protagonismo cultural e se proteger das agressões impostas pelas iniciativas e estratégias do Estado Brasileiro em incentivar a inércia política dos sujeitos que procuram a proficiência crítica do seu estado ativista.

É preciso deixar registrado também outra face da história do lugar que se faz a partir das interfaces do povo com o povo, com seu meio e com as extensas relações históricas que travaram pelo passar dos tempos, que se caracterizam pelo jeito forte das falas de alguns núcleos de famílias e pelo jeito átono de outros. Caracterizam-se, também, pelo “*prosar*” local que engloba as reuniões informais nas sombras das árvores, a conversa descontraída no encontro em uma estrada, no fim de tarde ou no início da noite, nas festas do núcleo de família de casa ou da comunidade, nos turnos de trabalho coletivo, por exemplo, de “*entrança*” de cebola, de organização de festas ou confecção de cercas.

Esse jeito de organização da história local é totalmente humanizado ou desumanizado pelas pessoas na trilha do cotidiano que, na Santana, pode ser inventado e reinventado conforme o tempo, o interesse ou a demanda. Nada foge da postura histórica, embora seja produzido por particularidades. No entanto, esses feitos particulares vão, mais tarde, ordenar ou (re)ordenar o compêndio dos fatos locais e, por consequência, da história da comunidade

Nessa perspectiva, a totalidade do exposto aqui, é marca corrente do lugar. As pessoas da comunidade não olham para sua história com estranheza ou certo ufanismo, elas consideram algo da naturalidade do tempo, consideram parte da vida corrente, dos fazeres e viveres permitidos. Compor e recompor narrativas e caminho não é algo extraordinário, mas sim uma ligação simples da vida de lá.

## **NOS PASSOS DO CAMINHO: ORALIDADE, HISTÓRIA ORAL E ALTERIDADE LOCAL**

As comunidades quilombolas acumulam uma herança africana no que diz respeito à tradição dos saberes pela oralidade das gerações sociais de suas tribos. Nos territórios quilombolas essa herança se volta para a tradição oral de transmissão dos saberes historicamente instituídos e se transfere para a esfera do público ao ordenar e/ou (re)ordenar a história local de cada comunidade – é o princípio de uma relação que vai conjugar a História Oral, as narrativas dos sujeitos e as considerações das experiências de “uns” em relação aos “outros”.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. Considerando assim, a própria ordem lógica da história da Santana foi contada oralmente por todo tempo pelas pessoas, pois nunca se atentou para outra forma a não ser essa, visto que essa história estava no mesmo patamar de outras ‘histórias’ e ‘estórias’ também contadas por lá na transcorrência do mesmo tempo. Nessa perspectiva, “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (VANSINA, 1980, p.140).

Assim concebido, comungar da concepção de Alberti (2005) é fazer-se entender pela oralidade, pois, para ela, a História Oral não alimenta seu fim em si mesmo. Na verdade, é um princípio de conhecimento e um começo nas vidas de pessoas ou grupos que, pelo narrar de suas trajetórias, compõem um sinfônico enredo individual e coletivo de suas gêneses. É por essa constatação que esse texto vai seguir nesse caminho proposto e preconizado aqui, na busca de desenvolvimento e elucidação do seu foco de partida. Para isso, também, fará interlocuções com outras dimensões nesse mesmo intuito.

As razões que levam a escolha do método de pesquisa estão diretamente ligadas ao tipo de questão que é submetido a ele (*ibidem*, 2005). Nessa ordem, as narrativas do senhor Luiz Rocha serão o aporte da História Oral para fins de trato científico.

Na outra mão dessa estrada estão as relações de oralidade e alteridade, como fomentos para formação da identidade dos sujeitos ouvintes dessas histórias. Bosi (1994) defende a narrativa como pressuposto basilar da condução histórica



dos enredos, das histórias e das histórias de pessoas, grupos, lugares etc. Para ela, a narração deve seguir na linha das vidas das pessoas e se propagar por elas no decorrer dos tempos.

Nesse sentido, a autora afirma que:

Quanto mais se esquecia de si o ouvinte, tanto mais entrava nele a história, e a arte de narrar transmitia-se quase naturalmente. Esta rede tecida em milênios se desfia de um lado e de outro. A narração é uma forma artesanal de comunicação [...]. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos. (BOSI, 1994, p. 90).

Isso é a marca da tradição que costura os tempos e fortalece nas pessoas o sentido da pertença - é o *ethos* da vida coletiva. Assim, as narrativas dos velhos como pessoas de experiências entram para o mundo da coletividade. Mas, esse fato se notabiliza por outros fatores que fogem às expectativas da própria pessoa. Clifford Geertz descreve esse fenômeno pelo viés da alteridade:

O mundo cotidiano no qual se movem os membros de qualquer comunidade, seu campo de ação social considerado garantido, é habitado não por homens quaisquer, sem rosto, sem qualidades, mas por homens personalizados, classes concretas de pessoas determinadas, positivamente caracterizadas e adequadamente rotuladas. Os sistemas de símbolos que definem essas classes não são dados pela natureza das coisas — eles são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente. (GEERTZ, 2008, p.151).

O mesmo autor conduz o processo de caracterização pelo qual passam os membros de uma comunidade que ouve e/ou contam as histórias que compõem o imaginário sentimental ou concreto dos grupos sociais distribuídos pelo tempo. Assim, também, o autor chega ao predicado do homem, objeto dessa reflexão – Luiz Rocha.

É muito válido dar lugar ao cotidiano da comunidade, estabelecido nas relações costuradas com o tempo passado e presente, alojado nas pequenas relações estabelecidas cada uma em seus contextos. Nesse sentido, esse cotidiano santanense termina entrando para o rol dos elementos que permitem a maturação de outros constitutivos identitários, como por exemplo a atribuição de valores aos ditos e narrativas dos velhos. Nas palavras de Salles e Matsukura (2013) há uma definição bem defendida do cotidiano, suas permissões e seus legados. Veja.

(...) uma sucessão de acontecimentos vividos, que incluem espaços sociais, tempos diversos, pessoas e objetos variados. O cotidiano possibilita ao sujeito expor seu estilo de ser, que, ao mesmo tempo, é compartilhado e reconhecido pelo outro, construindo sua história pessoal e social. O cotidiano é uma forma de viver sua própria história. (SALLES E MATSUKURA, 2013, p.268).

No olhar dessas teóricas existem certos atravessamentos que sumariam sua atuação: acontecimentos, espaços, tempos, vivências, pessoas e objetos. Essa é a ordem máxima onde as memórias e seus legados são apregoadas ou se apregoam na comunidade, logo, as narrativas podem ganhar *status* de compartilhamento e entrar para o rol da coletividade surtindo algum tipo de efeito na memória, na história e na identidade do lugar.

As autoras também corroboram com a instância da ‘possibilidade’ que o cotidiano oferece, e, esse é um recurso indispensável no constitutivo tempo do lugar, pois a contagem do tempo na Santana obedece a uma série de nuances que atuam de acordo com o propósito do povo, da natureza, da crença, das razões, etc. O tempo de plantar, o tempo de preparar a terra, o tempo do sol, do vento, da chuva, do canto dos pássaros, das novenas dos santos, o tempo da feira, o tempo da festa, o cronológico de sair e de chegar... enfim, é um tempo que se conta fora do paradigma comum.

Então, mais uma prova de que a ligação do povo, do lugar e da história é feita não apenas por um fio condutor do tempo cronológico que ordena a história geral, mas por idas e vindas, linhas e curvas, voltas e alcances... E, nesse ínterim, vai



se formatando jeitos, objetos, lugares e pessoas que notabilizam aportes de compartilhamentos de vidas, feitos e narrativas, como é o caso do senhor Luiz Rocha.

## LUIZ FERNANDES DA ROCHA – CONDUZINDO VIDA, LEGANDO HISTÓRIA

Ti Lú, como é conhecido localmente, o “velho do Quilombo” em questão, é um desses homens que seus enredos particulares ganham notabilidade e se transferem para a vida coletiva e para a história de seu lugar. Porém, isso não é um exercício comum e tem sua própria dinâmica.

**Figura 4:** Luiz Fernandes da Rocha (Ti Lu)



**Fonte:** Pedro Fernando dos Santos (02/04/2014).

Só através do método da História Oral é possível trazer a razão de seus enredos. O agonismo político, os atos heroicos e as leituras do tempo se farão na voz de Luiz Rocha ao contar a história de sua convocação para o exército em tempos de guerra (II Guerra Mundial). Ele também conta as “verdades” de sua vida de liderança em tempos de muitas dificuldades na Santana. Esse senhor vem justificar o papel de autodidata da linguagem, das rezas em latim e dos saberes técnicos e históricos da natureza.

Filho do segundo casamento de Luiz Rocha com Francisca Fernandes (Tia Chiquinha), Ti Lú é membro de uma família de cinco irmãos, sendo quatro mulheres e apenas um homem, Luiz Fernandes da Rocha é desde pequeno colocado numa situação de vanguarda, pois o fato de ser homem e um dos mais velhos o torna também responsável para ajudar seu pai no sustento e educação dos demais irmãos. Seu pai também desde cedo cuida pessoalmente de sua educação e de sua instrução intelectual.

Num tempo em que não havia escolas as secções de instrução eram feitas em casa ou em casa de parentes. No caso dele, seu pai cuidava de lhe ensinar o exercício de conhecer o mundo das letras.

Meu pai era um homi rude, mais sabia e intendia de lê e iscrevê e eu nunca fui disapegado não, eu tinha interesse im aprendê, eu via ele tirano o ofócio de Nossa Senhora e ficava ali, no pé dele aprendeno. Ele dizia: - Lú quando fô mais hora da madrugada se levante pá lê. E quando era a hora ele tava no pé de minha rede cum o candiêro na mão<sup>vi</sup>. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).



Na Santana “Ti Lu” é uma referência notável e caricatural dos costumes e da tradição, do trabalho na roça, da educação rígida e da pertença ao seu núcleo de família muito tradicional, e de peculiaridades distintas nesses aspectos.

A voz desse senhor nos faz remeter a tempos do passado e do futuro, podendo até nos imprimir num misto de sua síntese como se tivesse o poder virtual dos caminhos das vidas, tanto dele quanto dos outros. Ao rememorar suas histórias não sabemos se ele está narrando o seu passado ou está tomando emprestadas as vivências dos outros, isso porque ele viveu e vive muitos acontecimentos por tabela (POLLAK, 1992).

Na comunidade de Santana o fato da proximidade nas relações dos núcleos familiares faz as pessoas atravessarem também as vidas e as vivências de outras pessoas de ontem e de hoje, ou até mesmo se apropriar dos feitos a partir das transferências e das sucessões familiares que naturalmente acontecem. Esse homem tem em si a noção da continuidade do “outro” e guarda no seu existencial as falas, atitudes e concepção de outras pessoas que por ele foram registradas no compendio de suas significações – marca de alteridade. Veja:

Meu pai, era homi séro, mais aprindi munto cum ele, meste Joaquim Rafaé, e ôtos e ôtos Cuma Zé Bida fôro os homi qui mim ajudaro, até quando eu vortei do exerço Zé Bida foi morá mais eu aculá im Bodocó. Nois morava lá, trabaiaava lá de roça mais Corrêa, Antoin José que erum casados cum umas prima nossa, fias de ti Joaquim, aí nois fumo puntá eles. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Ele nos traz o silêncio de sua narrativa no tempo do falar. Nos alerta com seus passos os que foram dados e os que cessaram. No entanto, ao contar sua história revive nela os gostos e as provas do passado que se presentificaram em seu pensamento.

Eu num gosto munto de contá essas coisa nã... Pruquê vem ôtas coisa junto qui nem posso falá, mais vamo lá. Nem do jeito que eu gosto a vida minha foi (silencio) pur isso eu conto essas coisas a voceis. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

É nesse tom de reflexão que ele nos convida para caminhar pelo destino que ele percorreu e nos mostra onde o homem se encontra nas fases de sua vida e nos lugares do seu tempo, como as razões podem moldar as atitudes das pessoas e o que a vida pode lhe render de gosto e desgostos na síntese efêmera do tempo.

Ele vai narrar as dúvidas que um homem saído da roça tem ao adentrar em outro mundo totalmente desconhecido e com postura cotidiana distinta da sua vida. Fala sobre as considerações de seus amigos e superiores e o convívio na volta do exército para sua casa.

Nois aqui via o povo dizê qui tinha essa Guerra pá acontecê e qui os rapais pudium cê chamado pá brigá, mais era coisa munto longe de nois. Cuma bém, o dia chegô quando eu ricibi essa carta. Agora vê! uns homi Cuma nois aqui, nunca tinha saído e agora tê qui ir. Tinha caba qui tinha medo. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Nas falas desse senhor podemos entender a dimensão de seu mundo e de sua proposta de crescimento, e ainda ficamos frente a frente com as raízes de sua própria capacidade de conceber a vida e os conflitos existentes dentro dela.

Pela tradução desse fato em sua vida podemos perceber que há uma notada redimensão do seu “eu” de antes e o de agora, e, que nunca, pela distribuição dos acontecimentos nas vidas das pessoas, ninguém passou, em pouco tempo, por tamanha mudança de paradigma utópico do seu existir – é a mudança que adentra às nossas vidas sem pedir permissão.



## A IDENTIDADE PELA MEMÓRIA: O ELO QUE NOS UNE E A HISTÓRIA DA 'GUERRA'

As pessoas da Comunidade de Santana se estabelecem sempre dentro dos núcleos familiares que, na verdade, é o encadeamento das relações de parentesco, algo inerente à identidade quilombola. Porém, nesse estabelecimento de si (individual) para o outro (alteridade), se utilizam da gênese coletiva num esforço natural de (auto)afirmação, e é nessa construção que entra a memória dos mais velhos e que vai, na dinâmica do lugar, ordenando e (re)ordenando a história coletiva e, por consequência, a identidade.

As narrativas de cada um vão remontando o universo de valores necessários às outras pessoas para a construção das razões e condições de pertença (*ethos*). O resultado dessa síntese é a nítida construção de “si” pela história e vida do “outro”, num processo de reprodução contextual do passado, formatado no presente em perspectivas que obedecem às influentes transformações ocorridas no tempo e no espaço. “Pode-se dizer que essa se estabelece em um espaço-tempo que se relaciona ao mundo humano e no qual se afirmam poderes da Comunidade e dos indivíduos sobre si mesmos e sobre os outros” (BARROS, 2009, p. 37).

Dessa forma, a memória será como uma instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isso assegura a permanência de grupos. Assim, ela será anti-inerte e, prima por construções diversas e criativas, sendo a chave de possibilidades e negociações. Será um território, um espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos, que reinstituem a cada instante a pessoa; como sentimento individual, o grupo social, como coletividade e pertença; e a comunidade geográfica, como (re)ordenamento histórico.

Logo, são apropriações de subsídio que garantem a interpessoalidade para a produção, (re)produção, afirmação e/ou (re)afirmação de identidade e da pertença, através dos elementos constantes nas relações das pessoas e dos grupos. No caso da Santana, podemos apresentar como representativo desses elementos as vidas e as vivências de outras pessoas em condições de significação política, social, cultural, ética...

Assim, ao rememorar, ao narrar sua silenciada história da convocação para o exército em tempos de guerra (II Guerra Mundial), Luiz Rocha opta pela memória e pelos “lugares da memória” (Pierre Nora)<sup>viii</sup> para tratar dos fatos mais objetivos, mais nítidos e mais amplos de sua trajetória. Também opta pela memória do esquecimento quando trata das dores, das estagnações e do próprio descaso que sofreu em sua chegada ao exército na época, como ele mesmo descreve.

Fui convocado para servir o exército em Caruaru. No dia que nós chegamos chamamos meus companheiros e eu fiquei sem chamada (silêncio), [...] e eu fiquei sem nada. Fui de noite para alojamento dormir, os outros dormiam na rede e eu dormia no chão (pensativo) não recebi nada. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Como bem ele se utiliza desses recursos, naturalmente, porém, com uma grande dose de intencionalidade e vontade, algo também compreensível, pois, nesse sentido, o autor pode selecionar suas memórias (POLLAK, 1992), nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado, embora isso seja feito até para não presentificar os fatos indesejados, agressivos ou doloridos.

Em alguns momentos de suas narrativas para trazer diferentes fatos ou diferentes passagens, ele usa outros lugares da memória que, necessariamente, não são lugares, mas uma espécie de estratégia do lugar ou o lugar da estratégia - lugares por trás dos lugares (LE GOFF, 1990).

São tipos de refúgios que lhes possibilitam trazer forças, jeitos, modos, pessoas e circunstâncias que foram responsáveis por forjar, não somente o lugar, mas a marca que esse lugar deixou gravado em sua memória. É um caráter forjado de dentro para fora que muitas vezes não é permitido pelo sujeito da memória, mas que pode acontecer por revelia.

Eu pensava cá: - Como é que eu vim para num lugar desse meu Deus? Se nem mesmo sou tratado igual a meus companheiros! Tô agora abrigado pelos outros!. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).



O senhor Lú recompõe esse momento-memória utilizando-se de diversos outros elementos que se encontram tanto na atmosfera das circunstâncias, quanto nas dores do seu atual “eu”. É possível também perceber isso se materializando quando aponta seus companheiros.

Meus cumpanheiro era Niculau... Niculau Agustim, Era Dr. Sivirino, Era Ubaldo de Cumericino, e bem esses eu me lembro qui nois fumo junto mais Sivirino Cueio. Fumo pá Caruaru o bataião era lá. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

E quando reproduz em sua narrativa as perguntas do Sargento de sua companhia ao lhe interrogar sobre as autoridades de Salgueiro (seu município de origem).

Quem é o prefeito de Salgueiro? Eu digo: - Luiz Soares Diniz. – Ele é somente o prefeito? Eu digo: Não sinhô, ele é prefeito e presidente da junta militar. – Você é de Salgueiro mermo. - Todo convocado de Salgueiro o prefeito deu uma carta de apresentação, num deu a você não? (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Esses são condicionantes mais específicos que requerem maior precisão do fato, pois são atenuantes políticos e incidentes diretos do seu estado momentâneo no exército à época e que permeiam sua memória de pessoas de alta posição, daí a escolha por lugares específicos e políticos da memória.

Ele também nos confessa que diante de todo aquele mundo e daquele cenário diferente, houve momentos em que aconteceram conflitos internos. Quando não sabia mais que discurso adotar, as vontades se misturavam, não alimentava mais as perspectivas de uma vida diferente e pensava constantemente em voltar.

Eu já desprezado por demais, passano fome e drumino no chão, cumecei a pensá im vortá, num quiria mais a vida de sordado não, muitas veis disacreditado pensava im falá cum os bichão<sup>ix</sup>. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Nesses lugares, o senhor Luiz Rocha também precisou vencer seu medo, sua pequenez e seu *status* de “homem da roça”, ao conduzir seu protagonismo e falar com as autoridades sobre suas condições de vivência nos primeiros dias no quartel.

- Tenente há três dia qui tô aqui nesse alojamento, num tenho rôpa, tô cum a qui truxe no corpo, num tenho rede, num tenho lenço pra me cubri, tô drumindo no chão e me cubrindo cum ar mão. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Ora, um homem saído dos confins de sua existência pacata engrandecer a ponto de se dirigir ao alto comando do batalhão em seu nome é algo inimaginável, segundo sua posição e fala. Isso nos conduz a percepção de que, mesmo se desfazendo de sua memória, ele hoje mantém sobre si certo ufanismo e um orgulho comedido.



## A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DE SENTIDOS: O “EU” PELO “OUTRO”

A história de Luiz Rocha não lega para os seus pares e para sua comunidade apenas os retalhos para um pano de história local. Também não é só um elemento no conjunto dos elementos, tampouco é uma inércia do passado. Essa história traz para o povo do lugar o sentido de um mundo de continuidade, traz a dialética entre os portais do tempo do lugar, as luzes do significado e o orgulho necessário para “se compor” e “compor o outro”.

Na verdade, existe uma série de razões humanas que nos instiga a dizer que isso vem recriando os seus valores e restabelecendo pontes, renovando suas lembranças e reclassificando os seus esquecimentos, introduzindo também o novo no velho e o velho no novo, criando uma necessária ilusão de continuidade, enfim, oferecendo um chão e um céu de sequências aos homens em que uma estrutura parece passar a outra.

É nesse céu e nesse chão que o rio segue seu curso, alegoria perfeita de representação da tradicional reprodução social da memória e da continuação do lugar e de seu povo. É justamente nesses termos que “a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos”. (BOSI, 1994, p.90).

Para as pessoas da Santana, sentir-se no outro e referir-se ao outro é uma forma de se instituir coletivo, de não ‘ser’ nem ‘estar’ só. A memória é um dos elementos agenciadores dessa condição e, desse modo, ela assegura a sensação humana e social de unidade (HALBWACHS, 1950).

Em sua narrativa, o senhor Luiz Rocha nos oferece diversos desses momentos de amparo no outro, a sua condição dentro da condição dos outros. No trecho transcrito ele fala de quando saiu do exército e sofreu diversas perseguições porque diziam que ele tinha fugido.

[...] a vontade era de vim pra casa eu saí de lá direto. – Eu fugi? – Não. [...]Zé Bida me acupanhô até quando me liberaro, morô mais eu, nois fumo pá Bodocó, nois morava lá, trabaivava lá de roça mais Corrêa, Antoin José qui erum casados cum umas prima nossa, fias de ti Joaquim, aí nois fumo puntá eles. [...]E quando ele (Zé Bida) morreu eu num fui pu veloro dele, pručê num me dixeru ainda hoje quando eu digo ar lagrima vem nos óios (cabisbaixo, choroso).(Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Para ele, essa passagem em sua vida diz o que ele é hoje e como entende a sua constituição diante de cada imagem vivida durante o período em que esteve no exército. Inúmeras são essas imagens que expostas por ele no seu relato, traduzem formas de seu medo.

Era uma época de guerra [...] Era perigoso, nego chorava qui só “madalena” cum medo, quando ia, se dispidia dos ôto, era aquele chororô, a cidade todinha se cobria de luto, os avião passava por cima levantano vôo naqueles prédio alto. Era pirigosa a época, era de guerra mermo no ano de 43 (1943) era o miolo da guerra.(Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

E segue narrando:

Eu mermo tive sobressalto, me assustava, pensava nas coisa qui os ôto dizia da guerra. Mais eu num temia tanto não, pruçê era um tempo difícil, tempo que os “homi” num tinha cuma isculhê. A gente era intimado e tinha qui ir mermo. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).



Segundo ele, o silêncio teve que ser ordenamento de sua vida, pois na época (1943) era tempo de perseguições e desinformação, obscuridade e tempo de afirmação política e da condição de ser ou não “homem valente”. Seu Luiz Rocha ainda tem que conviver com a dúvida, a desconfiança e a perseguição, pelo fato de acharem que ele havia desertado do exército.

Munta gente falava, por ai por os canto qui eu fugi. Quando me procurava por ai se eu fugi, eu digo: não, eu fui liberado. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Porém, segundo ele, o que mais lhe arrebatava eram as saudades de casa (comunidade), a vontade de voltar e as responsabilidades para com os seus. Num desses momentos ele se remete ao diálogo com um tenente, quando diz das razões que não poderia ficar no exército.

Eu sou arrimo de fãmia. Tem qui voltá pra casa, eu tenho minha muié e tenho meu pai e minha mãe. Minha mãe é paralítica e meu pai é cego e tem quato irmã moça<sup>x</sup> pá eu dá de comê. [...] Eu tinha era muita vontade de vim me imhora era apaxonado por casa, minha terra, casa era bom de mais, por amor a fãmia...(Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Para esse homem algumas posições e atitudes do sentimento e da índole de família podem nortear a formação de uma conduta e de um destino. Como bem afirma, o lugar, a pertença e a responsabilidade o fizeram voltar de sua experiência no exército para sua vida de habitualidade. E, interrogado sobre a relevância desse fato em sua vida, ele diz:

Eu hoje podia cê ôto homi si tivesse ido com “os grande”, podia cê rico. Mais num foi assim [...] considero isso pá minha vida, praque eu hoje também sô ôto homi diferente daquele que foi pu exerço. Sô mais considerado e tenho essa históra pá contá. (Luiz Rocha. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014 na Comunidade de Santana – Salgueiro-PE/Brasil. Entrevistador: Pedro Fernando dos Santos).

Toda essa imagem, ainda muito viva na memória do senhor Luiz Rocha, hoje o faz refletir sobre o trajeto de sua vida, sua família e sua história política, a partir daí, como representante da comunidade e liderança das lutas sociais de seu povo e por seu povo. É um marco em sua vida e na vida de seu lugar.

São dessas histórias que permeiam a existência da Santana, que brotam os substratos da consideração pelo outro, do apego a casa (comunidade), das relações extensas e restritas dos núcleos familiares, do respeito aos festejos, do não controle da linguagem, enfim, de todos os muitos elementos que forjam a identidade e fundamentam o pertencimento – *ethos* local.

É também importante compreendermos que os grupos sociais, os povos de tradição, as “tribos”, as massas e todos os coletivos se movem através das relações que se instituem dentro e fora de seus círculos e, por forças da alteridade, essas relações geram os mais diversos comportamentos, as diferentes posturas que muitas vezes extrapolam o pensamento do nosso imaginário harmonioso e nos transfere para compreendermos que as relações se fazem tanto da organização quanto do caos.

Para Elias e Scotson (2000) as mesmas zonas que aproximam os sujeitos, por uma ou por outra convencionalidade, são, também, as que os distanciam e que, em momentos, tanto essas aproximações quanto os distanciamentos vão produzir relações que, de um modo ou de outro, terminam por contribuir com a caracterização do grupo e, por consequência, com a reafirmação de sua identidade – é a lei da determinação do pertencimento.





## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Há inúmeros estudos e teorias que nos mostram como os grupos humanos, no decorrer do tempo e de suas dobras, produzem os elementos para sua identidade, garantem seu *ethos* e afirmam e/ou (re)afirmam sua alteridade. Porém, nessa mesma dinâmica, a cada dia percebemos que esses elementos podem evoluir, podem se (re)caracterizar e, também, podem reclamar condições voltadas para uma aproximação mais local dos sujeitos.

A partir da busca por identidades menos universais, os coletivos passaram a se lançar pelos princípios locais, como forma de encontrar esses elementos mais próximos de suas gêneses e de suas realidades contemporâneas. As sucessões de momentos, o entrelaçamento político, os troncos de pertencimento e até o tempo cultural corroboram com essa atitude sócio-histórica de forjar a identidade.

A história de vida do senhor Luiz Rocha, como inúmeras outras narrativas de vidas que existem na comunidade, em silêncios ou já externadas, são os elementos que diretrizam o pertencer pelo voto de familiaridade; de estar pelo englobamento dos núcleos de família; de forjar-se pela força de estar e referir-se ao outro; do incluir-se pela capacidade de tradição e transmissão de uma cultura; e pela identidade gerada inerentemente pelo conjunto desses elementos.

Em perspectiva e, para além de tudo, na comunidade, os repertórios que agregam valores e são atravessados por outros estão sempre em movimento, em deslocamento, em negociação. A identidade através da alteridade, se formata do passado para o presente – (re)significação, do individual para o coletivo – valores do ser, da família para os núcleos familiares - movimento cultural de transmissão. Assim é o apêndice que se prende na narrativa de Ti Lú, recompondo o roteiro de formação da identidade local a partir da notoriedade de uma pessoa.

Notório também se faz perceber o movimento que esse estudo demandou em produzir constatações reais sobre os processos de identificação aliados à alteridade e ao *ethos* que mantém uma relação dialógica das práticas sociais do povo nos fazeres cotidianos de interação pessoal, de trabalho, de constituição de si e do outro através das relações de parentesco, das formas de consideração dos mais velhos e suas histórias... enfim uma gama de operatórios se mostram como algo relevante desse estudo da comunidade se se apreçoam ao tempo e como as pessoas se estabelecem, identitariamente, nele e através dele.

É assim que na Santana o lugar se funde com a história do coletivo ao individual. Com o povo, através de seus fazeres cotidianos naturais; com o território pela significação de suas crenças e mitos; e com a tradição que luta e vence a capacidade de transmissão e reprodução social desse povo. Posto assim, evidente fica dizer que a alteridade é peça fundamental na engrenagem de dar sentido ao “outro” para construção de “si” e do seu lugar do passado a um presente em perspectivas. Portanto, esse é o lugar e o cenário social e cultural onde nasce e habita a identidade, dentro de uma individualidade que parte das extremidades das muitas narrativas para o centro - foco geral da história coletiva.

História essa que se faz presente e se constitui na concretude das memórias construídas e repassadas entre homens e mulheres, entre os velhos do Quilombo e os mais jovens que vão firmando as suas identidades a partir do pertencimento ao *ethos* e da sua representação nas vivências sentidas e partilhadas em comum, por suas lutas diárias que estabelecem a força organizativa e a capacidade da resistência de um povo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** – 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ATAÍDES, Jésus Marco; MACHADO, Laís Aparecida e SOUZA, Guida Grin. **Desenvolvimento e direitos humanos: a responsabilidade do antropólogo** - Campinas-SP: UNICAMP, 1992.

BARROS, José D’Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, Itajaí, vol. 3, n.5, p. 35-67, Jan-Jul., 2009.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Centro de Cultura Luiz Freire. Sertão Quilombola: *a formação dos quilombos no sertão de Pernambuco*. Olinda, 2008.



- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os Outsiders - Sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade.** (trad.) Vera Ribeiro. Zahar: Rio de Janeiro, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALBSWACHS, Maurice. **Mémoire Collective.** Paris: PUF, 1950.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** (trad.) Bernardo Leitão... [et.al.] – Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1990.
- MELO, Paula Balduino. **Reminiscência dos Quilombos - Territórios da Memória em uma Comunidade Negra Rural** (res.). Ruris, v.5., n.2., Set/2012.
- OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Barboza. **Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural da comunidade remanescente de quilombo de Santana. Salgueiro-PE:** Ministério da Integração Nacional, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Histórico**, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- ROCHA, Luiz Fernandes da. 94 anos. **As memórias da convocação para alistamento no exército em tempo da Segunda Guerra Mundial.** [Entrevista cedida a Pedro Fernando dos Santos]. Comunidade Quilombola de Santana, 2014.
- SALLES, Mariana Morais; MATSUKURA, Thelma Simões. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da Terapia Ocupacional na literatura de língua inglesa. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos, v. 21, n. 2, p. 265-273, 2013.
- SANTOS, Pedro Fernando. **Memórias que educam: narrativas dos velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição.** Dissertação. Mossoró – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN: 2015.
- VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África.** São Paulo: Ática/UNESCO, vol. I, p. 157-179. 1980.



ANEXO-1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva.  
CEP: 59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN  
Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452  
Sites: <http://www.uern.br>; <http://propeg.uern.br/poseduc> E-mail: [educacao@mestrado.uern.br](mailto:educacao@mestrado.uern.br)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, LUIZ FERNANDES DA ROCHA declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada e fotografias para Pedro Fernando dos Santos, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/POSEDUC/UER/FE, Matrícula nº 5130013 usá-la integralmente ou em partes, para sua Dissertação intitulada: *MEMÓRIAS QUE EDUCAM: AS NARRATIVAS DOS VELHOS DO QUILOMBO DE SANTANA-PE PARA A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE E PRESERVAÇÃO DOS SABERES DA TRADIÇÃO*, bem como para efeitos de apresentação em eventos acadêmicos e/ou publicações desde a presente data. Abdico direitos meus e de meus descendentes.

Subscribo o presente termo.

Salgueiro (PE), 10 de maio de 2015

Luiz Fernandes da Rocha

Assinatura

## NOTAS

<sup>i</sup> O nome verdadeiro do sujeito dessa pesquisa será usado, como também seu apelido, mediante autorização expressa pelo mesmo, constante como anexo na dissertação: Memórias que Educam: narrativas de velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2015).

<sup>ii</sup> Termo referente à concepção nietzschiana de tempo (BARRENECHEA, 2008).

<sup>iii</sup> Na Santana o termo “velho (a)” é uma denominação própria da comunidade que necessariamente não tem uma relação direta com a idade, mas com as considerações que as pessoas lhes atribuem como detentores de caracteres sociais, culturais, políticos e históricos.

<sup>iv</sup> Local que hoje é parte do território da Comunidade Quilombola Santana.

<sup>v</sup> Denominação genérica da comunidade que designa o ato da conversa descontraída, cordial e cotidiana entre as pessoas do lugar.

<sup>vi</sup> Após a cebola colhida e submetida ao sol para secar sua palha, para comercializar laça-se um pé de cebola ao outro num processo contínuo formando uma trança de aproximadamente sessenta centímetros.

<sup>vii</sup> As falas da narrativa estão em *ipsis litteris* como forma de respeito aos falares e justiça a identidade linguística local.

<sup>viii</sup> O primeiro grande empreendimento teórico e prático nesta direção deve ser atribuído a Pierre Nora e a um grande número de historiadores, sociólogos, antropólogos e memorialistas franceses que se integraram ao projeto coletivo relacionado aos “Lugares de Memória” (BARROS, 2009, p. 50).

<sup>ix</sup> Expressão popular de referências aos postos hierárquicos funcionais de mais alta patente do exército

<sup>x</sup> Aqui ele se refere também às irmãs do outro casamento de seu pai

